

**A DISCIPLINA DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO: ESPAÇOS HÍBRIDOS E CAMINHOS  
ALTERNATIVOS AO (RE)PENSAR A PRÁTICA DOCENTE POR MEIO DA  
DIVERSIDADE CULTURAL**

*The Discipline of History of Education: Hybrid Spaces and Alternative Paths to (Re)Thinking  
the Educational Practice through Cultural Diversity*

Roseane Maria de Amorim<sup>1</sup>  
Artur Alexandre de Mendonça Leite<sup>2</sup>

**RESUMO**

O presente trabalho objetivou analisar, historicamente, como a disciplina de História da Educação vem se constituindo ao longo do tempo e como ela pode ser redimensionada, tomando como referência as discussões sobre a diversidade cultural. Sabemos que o debate sobre a diversidade cultural na contemporaneidade é de fundamental importância para a formação de professores e professoras, à medida que a realidade da sala de aula é formada por pessoas com histórias de vida e formas diferenciadas de compreender o mundo. A análise do trabalho permitiu identificar o quanto o ensino de História ainda vem sendo contado pelo viés dos vencedores. A experiência possibilitou transformações na prática docente, bem como, na concepção de mundo e de novas possibilidades de aprendizagem, tanto para o docente, quanto para os educandos e educandas.

**Palavras-chave:** Diferença. História da Educação. Diversidade. Formação de professores/as.

**ABSTRACT**

The following paper aimed to analyse historically the way that the discipline of History of Education constitutes over time and how it can be resized with reference to the discussions on cultural diversity. We know that the debate on cultural diversity in the contemporary world is of fundamental importance to the training of teachers, since people with life stories and different ways of understanding the world form the classroom reality. The analysis identified how the history teaching is still being told from the winners' perspective. The experience made possible changes in the teaching practice as well as in the design of world and in the new possibilities of learning for both, teachers and students.

**Keywords:** Difference. History of Education. Diversity. Teacher training.

---

<sup>1</sup> Doutora em Educação pela Universidade Federal de Pernambuco. Professora do Centro de Educação da Universidade Federal de Alagoas. Membro do Grupo de Currículo, Atividade Docente e Subjetividade. E-mail: roseane.mda@hotmail.com

<sup>2</sup> Acadêmico do curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal de Alagoas. Membro do Grupo de Currículo, Atividade Docente e Subjetividades. E-mail: arturmendonca.pedagogia@gmail.com

### Para início de conversa

Neste texto, fazemos uma análise sobre as experiências vivenciadas no processo de ensino e aprendizagem na disciplina de História da Educação e apresentamos algumas reflexões sobre o itinerário do trabalho realizado no primeiro período do curso de Pedagogia de uma universidade pública da federação brasileira, tendo como eixo articulador a questão da diversidade e da diferença no mundo contemporâneo.

No decorrer do trabalho procuramos realizar de forma breve, também, um estudo sobre a composição dessa disciplina ao longo do tempo no Brasil e seus caminhos e possibilidades. Compreendemos que, apesar da História da Educação ser um campo polissêmico, ao longo da história do Brasil, devido ao processo de colonização que vivenciamos no País, a história é sempre narrada pelo viés do vencedor. Em outras palavras, a disciplina de História da Educação tem sido constituída dentro de uma perspectiva homogênea, tendo como referência o homem branco, europeu e heterossexual.

Gostaríamos de esclarecer, também, que tomamos a educação em seu sentido amplo, compreendendo que, no decorrer das nossas vidas, estamos educando-nos em todos os espaços. Nesse sentido, a História da Educação deve levar em consideração os diversos espaços educativos vividos por diferentes sujeitos ao longo do tempo e não apenas a educação escolarizada.

Em meio às leituras realizadas, indagamos: quais conteúdos e metodologias podem ser selecionados, para que a disciplina faça sentido e favoreça o efetivo aprendizado dos educandos e educandas? Como articular, em tão pouco espaço e tempo, as realidades locais e regionais com os processos educativos nacionais e globais? Essas reflexões representam uma tentativa de repensar a disciplina de História da Educação, para que ela contribua com a formação de educadores e educadoras que estejam atentos para a discussão das diferenças, tanto no âmbito educacional escolar, quanto em diferentes espaços da sociedade.

No recorte aqui definido, será realizado, inicialmente, um breve estudo sobre o caminhar da disciplina de História da Educação no Brasil e, no segundo momento, nos debruçaremos sobre a experiência vivenciada com os educandos e educandas no curso de Pedagogia, apontando reflexões sobre o papel das diferenças e da diversidade na formação de pessoas comprometidas com o mundo melhor.

### **A disciplina de História da Educação: histórias, contextos e caminhos**

Desde os anos de 1980 que o campo da História tem passado por diversas crises. Tais crises – longe de estarem superadas – apresentam um debate que, parcialmente, ainda não foi ultrapassado. Para alguns, a História precisa recuperar a sua própria identidade, diferenciando-se assim das outras Ciências Sociais. No polo oposto, a crise vivida tem como alicerce, justamente, este isolamento da disciplina e o pouco interesse por um trabalho interdisciplinar (ZEQUERA, 2002).

No nosso entender, a disciplina de História pautada em um trabalho interdisciplinar, possibilita uma reviravolta no processo de ensino e aprendizagem e na produção do conhecimento histórico, fortalecendo inclusive o campo disciplinar. Não podemos esquecer que a História é uma atividade de mediação entre o passado e o presente ou o presente e o passado, com base em uma problematização discursiva sobre um determinado tempo histórico. A história, cujo termo é polissêmico, pode representar o processo histórico e o conhecimento produzidos pelos historiadores que a traduzem em uma perspectiva disciplinar. Isto é, a história, enquanto uma atividade teórica, constrói seus objetos por meio da ordenação, da classificação, do recorte escolhido pelo historiador e do campo historiográfico em que este está filiado (MATE, 2011).

Para Quadros (2011), no Brasil, a disciplina de História da Educação surgiu no movimento da Escola Nova, a partir de 1927, tendo como objetivo a reorganização do curso para a formação de professores, conforme proposto por Fernando de Azevedo. Naquele período, pensava-se uma formação teórica que pudesse ser aplicada. Assim sendo, a disciplina era compreendida como aquela que não buscava entender, interpretar ou problematizar questões do passado, mas sim, problemas do presente. Por outro lado, ao longo do tempo, com a predominância do ensino pautado nos ideais humanistas, os manuais didáticos voltados para o ensino de História continuavam a salientar os estudos da Europa e do processo de dominação dos portugueses nas terras brasileiras. Isto é, os programas estavam impregnados de uma visão tradicionalista de educação e pautados em uma educação religiosa.

Sá (2006, p. 80-83) exemplifica essa questão, quando analisa a disciplina de História da Educação no curso de Pedagogia na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Sorocaba. No Quadro 1, sintetizamos os conteúdos ministrados em três momentos da História no Brasil:

**Quadro 1:** Programas da Disciplina de História da Educação no Brasil

ANO – 1957	ANO – 1964	ANO - 1968 a 1985
Sociedades primitivas	A educação espartana	Introdução: consciência Histórica
Culturas orientais e clássicas	A educação ateniense – período antigo e novo	Os Jeronianos e as escolas da Reforma
Educação na Idade Média	A educação grega na época do Helenismo	Lutero e Calvino – Santo Inácio, a Companhia de Jesus: O Ratio Studiorum
A educação cristã primitiva	A educação romana	Realismo educacional, realismo Humanismo: social e sensorial, realismo Pedagógico e as Escolas dos Nobres da Alemanha – os Oratorianos S. João de La Salle
O iluminismo pedagógico foi retirado do programa em 1959	Atitudes dos Romanos com relação à Paideia grega – as escolas romanas	Comênios: profeta da Escola Nova A educação Feminina – Emílio de Rosseau – Pestallozzi – Froebel – Dewey – Montessori – Decrol

Fonte: Adaptado de Sá (2006).

Além dos conteúdos, exemplificados no Quadro 1, estudava-se o Renascimento, o significado da Cavalaria e as Cruzadas na Idade Média. Faziam-se leituras obrigatórias das confissões de S. Agostinhos, alguns trechos de Plutarco e Cícero, as cartas de S. Jerônimo e o programa educacional de Paula e Pacátula. Havia, portanto, uma dificuldade de renovação de conteúdos, bibliografias e metodologias para o ensino.

Contudo, nesta instituição (Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Sorocaba), nas décadas posteriores, aconteceram algumas mudanças na organização, conforme o Quadro 2.

**Quadro 2:** Programas da Disciplina de História da Educação na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Sorocaba (dias atuais).

DE 1986 ATÉ OS DIAS ATUAIS
Educação contemporânea
Educação do século XIX: tendências, desenvolvimento tecnológicos e principais representantes
Educação no século XX: realização da Escola Nova; Métodos ativos, educação dos países socialistas e educação do terceiro mundo
História da Educação Brasileira

Fonte: Adaptado de Sá (2006).

Verificamos que a história apresentada, a partir dos anos finais da década de 1980, aproxima-se mais das questões da contemporaneidade. Inclusive, de acordo com os dados levantados, os assuntos foram vivenciados por meio de reflexões, utilizando-se seminários, pesquisas e análises de filmes. Todavia, salientamos que, apesar dos avanços, mais uma vez, as discussões relacionadas à educação dos diversos grupos sociais não são levadas em consideração.

Esse fato nos remete à linha de pensamento de Araújo (2014), quando a autora argumenta que o ensino de história (e verificamos que não é diferente na História da Educação) tem tido uma organização curricular de caráter, marcadamente, monocultural e eurocêntrico. Em outras palavras, na maioria das vezes, não conseguimos lançar outros olhares para a disciplina. Olhares estes que salientem os modos de se educar de diferentes sujeitos educativos ao longo do tempo. É um desafio muito grande para o professor e a professora de História romper com a lógica eurocêntrica, devido ao tipo de formação que estes tiveram ao longo da escolarização. Será necessário, para isso, um longo investimento de estudos, a capacidade de correr riscos e o desejo de se aventurar por novos caminhos.

De tal modo, Vidal e Faria Filho (2005), ao fazerem uma incursão na História da Educação no Brasil e analisarem os manuais didáticos de História para as escolas Normais, verificam que os compêndios destinavam pequenos espaços para a Educação brasileira e iam, desde os selvagens primitivos, passando pelas antigas civilizações, o período Medieval, Moderno e Contemporâneo, chegando até a História dos Estados Unidos da América. Assim, a referida pesquisa somente confirma o que foi elucidado acima.

Por outro lado, entendemos que no campo da pesquisa a situação foi se modificando paulatinamente. Novos objetos foram sendo investigados e os usos de diversos documentos passaram a ser fontes de inspiração para a renovação da disciplina, a partir da História Nova e, especificamente, da Nova História Cultural. Nessa perspectiva, indagamos: É possível pensar uma nova configuração curricular com base na diversidade cultural? De acordo com Nunes (2006, p. 178):

Raro o professor de História da Educação que não teve aquela sensação de que há demasiada história para ser ensinada e aprendida. Permanece no ar questões que não nos abandonam: o que precisamos ensinar? O que queremos conhecer do passado? Por quê? Que diferença faria se não conhecêssemos? O que a escola ensina e, sobretudo, a História da Educação, é uma parte bem restrita do que constitui a experiência coletiva, a cultura viva de uma comunidade humana, até porque há muita coisa que se rejeita, se esquece ou se abandona dos aspectos culturais e não se trata apenas de um abandono do passado, mas também de aspectos presentes na atualidade no interior da sociedade.

Na prática docente, cabe ao professor e professora provocar e alimentar a recusa às verdades instituídas e ao silêncio imposto. É fundamental “conseguir algum nível de estranhamento para que os estudantes desnaturalizem sua própria experiência escolar e se dêem conta do processo de estereotipagem que se apodera da sua vida mental” (NUNES, 2006, p. 179).

Por isso, o caminho que ora apresentamos é apenas um caminho construído no próprio caminhar. Nem certo, nem errado. Apenas um caminho, que, por sinal, tem proporcionado excelentes frutos de aprendizagem para o professor e seus educandos e educandas.

### **Repensando o ensino da disciplina História da Educação: possibilidades e desafios a partir do debate sobre a diversidade cultural**

A disciplina de Fundamentos Históricos da Educação e da Pedagogia faz parte do currículo do Curso de Pedagogia, sendo ofertada apenas no primeiro semestre do curso, com carga horária de 80 horas semestrais. No Projeto Político Pedagógico (PPP) do Curso de Pedagogia, a disciplina aparece no eixo contextual, no módulo: “Educação: natureza e sentido”, junto à disciplina de Fundamentos Filosóficos da Educação.

No PPP do Curso de Pedagogia, compreende-se que tais disciplinas devem oferecer aos discentes:

Compreensão da educação como prática social, que se define a partir de um processo histórico, em um conjunto de relações diferenciadas, interpessoais, intencionais e comprometidas com o desenvolvimento humano e a intervenção na realidade (UFAL, 2006, p. 38).

Segundo a ementa da disciplina de Fundamentos Históricos da Educação e da Pedagogia, esta tem como foco a “análise histórica da Educação e da Pedagogia, segundo as ideias pedagógicas, com foco na educação brasileira” (UFAL, 2006, p. 51). Como

objetivos da disciplina, esta espera que os graduandos: (1) apreendam traços gerais da História da Educação e da Pedagogia, a partir dos eixos temáticos que trabalham os diversos tempos históricos; (2) compreendam a História da Educação brasileira na perspectiva da diversidade cultural; (3) estudem os principais pensadores da História da Educação na Europa e no Brasil (em âmbito nacional e local); e (4) compreendam as representações da História e da Pedagogia na atual prática pedagógica (em âmbito nacional e local), por meio do suporte teórico oferecido pela disciplina.

A referida disciplina está estruturada em quatro eixos temáticos que devem contribuir para a formação do pedagogo crítico/reflexivo que (re)pensa a sua realidade, partindo-se de uma prática multi e intercultural. Nesse sentido, a organização deste trabalho pauta-se no debate sobre as diferenças, pois acreditamos que não se pode refletir sobre si e sobre o mundo sem pensar e dialogar com o outro. Amorim e Freire (2015, p. 43) salientam a ideia de Hall, quando este argumenta que:

[...] o multiculturalismo crítico defende uma política da diferença e o reconhecimento dos direitos de grupos marginalizados ao longo do tempo. No sentido mais conservador, o multiculturalismo pretende que os grupos marginalizados assimilem as tradições estabelecidas pela elite dominante (HALL, 2006 apud AMORIM; FREIRE, 2015, p. 43).

Compreendemos, pois, que o multiculturalismo reconhece a existência e a validade de diferentes culturas. No entanto, este consiste apenas “em formas de convivência entre grupos culturais diferentes” (AMORIM; FREIRE, 2015, p. 44), não se estabelecendo um diálogo entre as diferentes culturas, bem como, a manutenção do reconhecimento de uma cultura como dominante. Por sua vez, a interculturalidade:

[...] constitui uma proposta de diálogo. E o diálogo não pode acontecer sem a escuta e o reconhecimento do outro. Dialogar implica estar aberto a diversas formas de ser e estar no mundo. [...] A interculturalidade possibilita a superação de conflitos por parte das pessoas e o desenvolvimento pleno dos sujeitos em sua humanidade (AMORIM; FREIRE, 2015, p. 44).

Nesse sentido, trabalhar uma disciplina que preza pela multi e interculturalidade, é desenvolver um trabalho de reconhecimento e desconstrução de verdades absolutas e incontestáveis, em prol da valorização de grupos que sempre foram subalternizados na lógica da cultura dominante. Trabalhar nesse sentido representa, primeiro, reconhecer que os vencidos têm suas histórias e que elas são tão importantes quanto a história dos vencedores. É, também, lançar mão de materiais que, usualmente, não fariam parte dos materiais pedagógicos utilizados na disciplina, como, por exemplo, textos literários, literatura de cordel, livros infantis, dentre outros. Moreira e Candau (2014, p. 12), com base em Stoer e Cortesão (1999), salientam que o docente, adotando a perspectiva homogênea do *dautonismo cultural*, termina por contribuir para o desinteresse dos estudantes: “o (a) professor (a) termina por ver seus estudantes como idênticos, com interesses e necessidade similares. Deixa, então, de considerar a importância de organizar o currículo levando em conta as diferenças”.

Embora a discussão sobre a diversidade cultural e as diferenças apresentem diversos entendimentos e concepções, não podemos deixar de considerar que o debate sobre a interculturalidade implica em uma renovação do conhecimento escolar e das metodologias adotadas na tradução desses saberes científicos pelos educadores e educadoras, em confronto às questões do cotidiano e às tradições culturais dos sujeitos envolvidos no processo de ensino e aprendizagem. Para Abramowicz, Rodrigues e Cruz (2011), a diversidade implica em variedades de culturas nas quais as contradições podem ser apaziguadas através da tolerância, por isso, de certa forma, tem um caráter universal, enquanto que a diferença é pensada a partir da “identidade [...] já que tem por função borrá-la e diferir”<sup>3</sup> (ABRAMOWICZ; RODRIGUES; CRUZ, 2011, p. 92).

Como já afirmamos anteriormente, partindo da perspectiva da multi e interculturalidade, a disciplina é organizada em quatro eixos temáticos, os quais são: a) Educação e sociedade ontem e hoje (História da educação no mundo – Brasil e Alagoas estão inclusos); b) A concepção de infância e de criança ontem e hoje; c) História e educação da mulher no passado e no presente; e, d) História da África e construção da Paz no planeta Terra. Os conteúdos pertencentes a cada eixo foram trabalhados na disciplina por meio de aulas expositivas dialogadas, leituras de textos, fichamentos, apresentações de seminários, apresentações de cordéis, avaliações individuais, elaboração de um memorial e análise de documentos, relatando as principais temáticas trabalhadas em sala de aula.

O objetivo da organização em eixos temáticos é propiciar certa unidade ao trabalho e fazer com que os estudantes despertem para temáticas pouco trabalhadas na história da educação. Dizendo de outra forma, trabalhar com eixos temáticos é partir de conceitos e temas que dirigem os estudos históricos para as questões sociais, em que o ponto de partida é a realidade social em que estudantes estão envolvidos. Outra característica do trabalho por eixos temáticos é o olhar para as transformações sociais ao longo do tempo, o uso de diversas fontes, a observação e confrontação de interpretações (AMORIM, 2005 apud AMORIM; FREIRE, 2015, p. 47).

Pelos eixos que estruturam a disciplina, tem-se uma leitura e uma comparação constante entre passado e presente ou presente e passado. A disciplina cumpre um importante papel, pois, ao apresentar os conteúdos e temas históricos, os insere no contexto da atualidade, estabelecendo diálogos com os discentes que fogem da mera descrição de acontecimentos históricos e contribuindo para a formação de pedagogos críticos, capazes de pensar e questionar a sua realidade, tendo como ponto de partida a compreensão de determinados momentos da história.

No decorrer das aulas de Fundamentos Históricos da Educação e da Pedagogia, foram desenvolvidas várias atividades que contemplavam os quatro eixos que marcam a divisão dos conteúdos. As aulas obedeciam a uma ordem. Inicialmente, um grupo realizava a apresentação de um cordel que tinha várias temáticas, desde problemas da educação brasileira, até filosofia grega. Depois, realizávamos discussões e debates sobre os textos

---

<sup>3</sup> Para o aprofundamento sobre diversidade e diferença, ver: ABRAMOWICZ, Anete, RODRIGUES, Tatiane C.; CRUZ, Ana Cristina J. da. A diferença e a diversidade na educação. *Revista Contemporânea*, Dossiê Relações Raciais e Ação Afirmativa, v.1, n. 2, p. 85-97, 2011.

obrigatórios. Por fim, eram realizadas as apresentações dos seminários temáticos.

A realização dessas três atividades perpassou todo o semestre. As leituras e os debates dos textos compuseram o eixo temático principal: “Educação e sociedade: ontem e hoje”. Neste eixo, foram tratados os conteúdos de caráter histórico mais tradicional. Os demais eixos foram trabalhados a partir dos seminários e apresentações dos cordéis, em que as discussões foram feitas a partir da apresentação dos textos históricos e literários, bem como pela utilização de outras mídias, como músicas e vídeos.

É importante destacar que todos os conteúdos apresentados em sala de aula foram amplamente discutidos e problematizados, fazendo-se sempre uma ponte entre passado e presente. Sobre isto, sempre, através do diálogo, chamávamos a atenção dos estudantes para a importância da reflexão sobre a diversidade e sobre a diferença, pois possibilita uma formação que amplia o universo sociocultural, além de possibilitar rever e superar os preconceitos que aprendemos ao longo da nossa história. Nesse sentido, um currículo que se abra para a diversidade, deverá contemplar a história e a especificidade de vários segmentos da sociedade que, historicamente, foram subalternizados, como a mulher, os negros e negras, as várias etnias indígenas, dentre outros (GOMES, 2006).

As aulas expositivas e os debates dos livros e textos tiveram como foco os conteúdos globais, mas sempre fazendo a conexão com a questão nacional e local. A partir de tais conteúdos, foi elaborado o eixo temático I – Educação e sociedade: ontem e hoje. Os textos abordados no eixo I foram: “O que é educação?” de Carlos Rodrigues Brandão (1991); África, unidade e diversidade em “Memórias da África” de Serrano e Wadman (2007); a educação no mundo antigo, a educação no Egito, a educação no mundo grego e romano, a educação no período medieval, o renascimento (o humanismo), com textos retirados do livro “História da educação” de Lúcia de Arruda Aranha (1996); e, as características da educação moderna e as características da educação contemporânea, com textos do livro “História da Pedagogia” de Franco Cambi (1999).

O primeiro texto trabalhado foi “O que é educação” de Brandão (1991). Nesse texto, o autor apresenta a educação a partir de uma perspectiva histórica, mas desconstrói a imagem da educação como algo homogêneo que ocorra apenas na escola. Para Brandão (1991), “ninguém escapa da educação” e, ao afirmar isso, ele reconhece que a educação está intrinsecamente ligada a toda interação social e que não existe um modelo pronto e acabado de pensar e fazer educação, mas vários, a depender da cultura e da formação social, econômica e política de cada povo.

A leitura de Brandão (1991), logo nas primeiras aulas, teve sua razão de ser, desconstruir a imagem uniforme que temos da educação contribui para que os discentes abram seus olhos e passem a perceber que a educação não é um objeto estático, mas mutável. Desse modo, possibilita que a disciplina seja feita dentro da ótica da multi e interculturalidade, pois, ao demonstrar que não existe uma única forma correta de ser e existir no mundo, os alunos estarão abertos a novos conhecimentos e percepções, mais especificamente, o debate sobre o que é a educação. Esse desafio fez o grupo pensar sobre a existência de diferentes modos de se educar e que as diversas formas de educações dependem do momento histórico e da cultura de cada sociedade. Nas palavras de Gomes (2006, p. 27):



O homem é produto de uma relação dialética com o meio, ou seja, constrói e é construído no contexto das relações com a natureza e com a vida social e, nesse processo, interfere e, ao mesmo tempo sofre interferências. É nesse contexto que nós, seres humanos, lidamos com dilemas universais: o mistério da morte, a capacidade de fazer escolhas, e, por conseguinte, a possibilidade de errar. Nesse sentido, a caminhada da humanização pode ser entendida como um percurso de heteronomia para autonomia, tanto no nível da história humana quanto do próprio indivíduo.

Não temos como fugir dessa realidade dialética com o outro e a natureza. A relação com o outro vai sempre existir, seja na escola, na família ou nos costumes, e toda a trajetória da nossa vida exige um posicionamento perante a diversidade cultural.

Por sua vez, as leituras de Aranha (1996) centraram-se nos contornos e formas que a educação ganhou no decorrer do tempo. A partir de tais leituras, foi possível perceber como determinadas sociedades se organizavam em seu tempo e como a educação se apresentava em cada uma delas, seja como um processo ligado às relações familiares, seja pelas mãos de mestres e preceptores ou, seja para a formação do guerreiro ou do intelectual. Tais leituras contribuem para a formação do pedagogo, pois, evidenciam, concordando com Brandão (1991), que não existe uma forma de se fazer educação. Existem possibilidades variadas. Além disso, os debates, a partir destas leituras, suscitaram importantes reflexões de como a educação é apresentada hoje, quais as similaridades e diferenças existentes entre os modelos apresentados no decorrer da história e sobre a educação na contemporaneidade.

Nesta parte do trabalho, analisamos dois vídeos (reportagens) sobre a religião e os diferentes modos de viver na Índia. O vídeo chamou a atenção do grupo para a diferença entre a cultura ocidental e a cultura oriental. Além disso, assistimos outra reportagem que explicava a educação na China e no Japão.

No decorrer dos estudos, analisamos a Paideia na Grécia antiga. O questionamento inicial foi: O ideal de educação daquele povo ainda tem o que nos ensinar? Dessa forma, o objetivo foi pensar sobre esse ideal de educação, isto é, refletir sobre a formação harmônica do ser humano e o seu significado para a educação na atualidade. Indagamos, ainda: Devemos formar apenas para o mercado de trabalho ou ajudar na formação do ser humano em sua plenitude – corpo, espírito e cognição? Foram debates intensos e instigantes.

No decorrer dos trabalhos, os textos da autoria de Franco Cambi (1999), por sua vez, apresentaram as características da educação na modernidade e na contemporaneidade. Para isso, o autor salienta as principais mudanças sociais, políticas, econômicas e geográficas que marcaram o término de um período e o começo de outro. A partir de tais mudanças, Cambi (1999) argumenta sobre as transformações que a educação sofreu e da ideologia que, a partir desse período, passa a incorporar todas as instituições oficiais, inclusive a escola. Os debates que surgiram com a leitura de Cambi (1999) foram extremamente pertinentes. Os alunos passaram a perceber que a educação não é um objeto desinteressado. A educação tem um fim em si mesmo e a ideologia a que se refere o autor tem sido sempre a da classe dominante. Evidenciamos ainda mais a necessidade

de nos formarmos pedagogos críticos, capazes de (re)pensar a nossa própria realidade. Destacamos, mais uma vez, a necessidade de pensarmos o motivo pelo qual estudamos a História da Educação: Qual o sentido dessa disciplina na nossa vida pessoal e profissional? Nesse sentido, Nunes (2006, p. 179) salienta que o docente:

Concilie, distinguindo, o seu papel de historiador e educador; reveja continuamente, os seus conhecimentos e sua competência; discuta teoricamente as concepções de história implícitas na sua prática docente e de investigação; acompanhe o debate (nos encontros e colóquios, nas revistas especializadas da disciplina); busque o diálogo e o intercâmbio com outras áreas de conhecimento.

Assim sendo, conforme o que foi pronunciado por Nunes (2006), admitimos a necessidade do educador e da educadora da História da Educação considerar as trajetórias de vida dos estudantes, o gênero, a orientação sexual, a cultura ou as culturas, as crenças, a questão étnico-racial, dentre outros elementos que estão presentes na prática educativa. De tal forma, veremos, a seguir, algumas reflexões sobre os seminários temáticos.

### Os seminários temáticos

Os seminários temáticos representaram um importante momento de discussão e reflexão para a disciplina. Inicialmente, pelas temáticas que eles apresentaram, priorizando discussões pouco abordadas na disciplina de História da Educação. Depois, por terem sido apresentados pelos alunos, o que exige, então, a necessidade de pesquisa, estudo e reflexão para a apresentação de um bom trabalho.

Durante o período, foram apresentados dez seminários temáticos que se enquadram nos eixos que estruturam a disciplina. No eixo temático I – Educação e sociedade: ontem e hoje – foram apresentados os textos: a) sujeito da ação educativa, do livro “Educação, poder e sociedade no Império brasileiro” de autoria de Gondra e Schueles (2008); b) lembranças de Antônio Selestino: pajé Xucuru-Kariri, do livro “Índios de Alagoas: memórias, educação” da autoria de Almeida et al (2011); c) Equilíbrio entre a pedagogia tradicional e a pedagogia nova, do livro “História das ideias pedagógicas no Brasil”, escrito por Demerval Saviani (2007); e d) o livro “Educação e mudança” de Paulo Freire (2000).

Os seminários apresentados neste eixo têm como foco a educação brasileira, sua forma e seus sujeitos educativos – perceptível pela temática dos textos abordados. O capítulo 04 do livro de Gondra e Schueler (2008), por exemplo, trata da educação do Brasil no Império e descrevem como era a educação para diferentes sujeitos, principalmente para a criança, a mulher, o negro e o índio. O texto de Saviani (2007) avança um pouco no tempo e apresenta contrapontos entre a pedagogia tradicional e pedagogia nova – ou educação nova –, surgida no Brasil no ano de 1932, por meio da publicação do Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova.

Dentro do eixo II – A concepção de Infância e de criança: ontem e hoje – os textos apresentados foram: a) “A escola da Infância”, escrito por Comenius (2011); b) “Infância” de Graciliano Ramos (2011); e c) “A terra dos meninos pelados”, também de Graciliano Ramos (2011).

As discussões no eixo II tiveram como foco a infância e a criança. Primeiro, percebeu-se que esses dois termos citados anteriormente não são sinônimos, e que nem toda criança tem direito à infância. Logo, os textos e livros citados apresentaram diferentes concepções de infância e criança. O texto de Comenius (2011), por exemplo, proporciona algumas considerações a respeito da educação da criança, deixando de considerá-la um adulto em miniatura – como ocorria no período Medieval –, e passa a considerá-la um sujeito educativo, que deve ter uma educação própria para uma formação digna. A obra “Infância”, de Graciliano Ramos (2011), apresenta uma autobiografia do autor, contando como foi a sua infância, marcada por opressões e castigos por parte dos seus pais. O livro mostra, de forma clara, as difíceis relações familiares do autor. Por sua vez, o texto “A terra dos meninos pelados”<sup>4</sup>, também de sua autoria, conta a história de Raimundo, um menino de cabeça raspada que tem um olho azul e outro preto. Em decorrência de suas características físicas Raimundo, sofre constante discriminação por parte dos vizinhos e das crianças próximas.

Nesse eixo, além de pensarmos a infância, o objetivo era refletir sobre a diversidade e a diferenças por meio da literatura local. Não podemos esquecer, também, que o conhecimento e, conseqüentemente, o currículo são produzidos no contexto das relações sociais e de poder e que selecionar determinados conteúdos faz parte do trabalho dos docentes. Por isso, cabe perguntar: Quais sujeitos estão ausentes da nossa história? Por que determinados conhecimentos são mais válidos do que outros? Além disso, a literatura permite a reflexão sobre o papel social e sobre a sua influência na nossa concepção de mundo. Nas palavras de Amorim e Freire (2015, p. 44):

Compreendida como arte da palavra, como produto artístico que tem suas raízes no social, como manifestação artística que (re)cria a realidade, a literatura constitui um componente da comunicação e da interação social, cujo papel inclui a difusão da(s) cultura(s) de uma sociedade [...].

Por sua vez, o eixo III teve como temática “História e educação da mulher no passado e no presente” e constou da apresentação de mulheres do sertão nordestino, retirado do livro “História das mulheres no Brasil” de Mary Del Priore (2004). O texto apresenta as situações vivenciadas por três personagens femininas: a mulher pobre sertaneja, a mulher escrava e a filha dos fazendeiros. A autora conta as experiências que cada uma dessas mulheres vivenciava, como os casamentos arranjados pelo pai, as exigências estéticas da época, o uso das roupas, a necessidade de vender o corpo em troca de água, dentre outros comportamentos. Esse eixo permitiu ao grupo a reflexão do papel da mulher na nossa sociedade, tanto no passado, quanto no presente. Essa temática despertou forte interesse pelo estudo, uma vez que as turmas de Pedagogia são formadas, em sua maioria, por mulheres e por tratar-se da região Nordeste – espaço geográfico bastante discriminado em nosso País.

O eixo IV, intitulado “História da África e a construção da Paz no Planeta Terra”, foi composto pela apresentação do texto “a África tradicional”, do livro “Memórias da

<sup>4</sup> A Terra dos meninos pelados, utilizado no trabalho, encontra-se em: RAMOS, Graciliano. **Alexandre e outros heróis**. Rio de Janeiro: Record, 2011.

África: a temática africana na sala de aula” de Serrano e Wadman (2007) e do livro “Cultura da Paz, Ética e Espiritualidade II” de Kelma Socorro Alves Lopes de Matos et al (2011). A “Cultura da Paz” possibilitou a discussão sobre o papel do sagrado em nossas vidas e como, a partir da modernidade e da contemporaneidade, estas discussões foram expulsas dos centros do saber científico. A espiritualidade, elemento essencial na formação da pessoa humana, ficou fora do mundo da ciência, que toma a razão instrumental como elemento essencial para a educação (ALVES, 1990).

O texto de Serrano e Wadman (2007) apresentou a África tradicional, os seus costumes, rituais e organização social, as suas representações artísticas, o tráfico de escravos e a sua religião. Já havíamos estudado o continente africano – em a “Unidade e diversidade” no eixo I. Nessa parte do trabalho, os estudantes colocaram como desconheciam este continente e como, ao longo da escolarização, pouco ou nada viram sobre os modos de vida, a educação e a forma de entendimento desses povos.

O livro de Matos et al (2011) apresentou a espiritualidade como uma ferramenta para formar alunos mais capazes e pacientes, que tenham discernimento para refletir sobre o mundo que os cercam. A discussão sobre as diferenças entre a religião e a espiritualidade marcou um intenso debate e o confronto com o texto de Cambi, sobre a modernidade e a contemporaneidade, levando o grupo a refletir sobre o endeusamento da ciência, do progresso e da tecnologia e o afastamento com o sagrado, o transcendente.

Os seminários representaram um importante momento de debate e reflexão, diante da diversidade de temáticas que foram trabalhadas no decorrer do semestre. Foi possível vivenciar, desde temáticas negras e indígenas, até falar sobre a educação da mulher e da criança – grupos, historicamente, marginalizados em nossa sociedade. Esse movimento, que claramente representa uma prática de multi e interculturalidade, faz-se extremamente pertinente ao passo que contribui para a formação de sujeitos críticos que formarão outros sujeitos. O trabalho, nesta perspectiva, exige dos educadores novos olhares para a finalidade da educação, do modo de ser e de pensar o mundo.

O multi e interculturalismo representam um importante movimento para a reflexão, não somente enquanto estudantes e docente, mas, principalmente, enquanto sujeitos históricos inseridos em uma sociedade complexa como a nossa. Para tanto, ao longo da disciplina, foram vivenciadas as leituras de vários cordéis que ajudaram a pensar a realidade educacional brasileira.

### **Apresentações dos cordéis**

A utilização de literatura de cordel na sala de aula representou um momento de aprendizado marcado pela descontração e pela criatividade. A turma, separada em grupos, deveria elaborar uma apresentação tendo como base um cordel disponibilizado pela professora. As orientações para esse trabalho eram que os alunos não apenas lessem o cordel, mas buscassem outras formas de apresentá-lo ao restante da turma, utilizando-se da criatividade e trazendo outros elementos que contribuíssem para a discussão do tema apresentado pelo texto. De acordo com Grillo e Lucena (2014, p. 92):

Os folhetos de cordel apresentam como uma linguagem pertinente e interessante capaz de promover debates, questionamentos, despertar o imaginário e a reflexão dos educandos, assim como instigar a capacidade cognitiva dos mesmos. Assim, propomos aqui o folheto de cordel como uma ferramenta pedagógica que promove conhecimento nas aulas de História, e nesse sentido estamos apresentando como possibilidade de diálogo entre o presente na sala de aula e o passado.

Os cordéis trabalhados em sala de aula foram: (1) Gravíssimos problemas da educação no Brasil; (2) O mito da caverna; (3) Nelson Mandela; (4) Escravidão negra e o Quilombo dos Palmares; (5) Paulo Freire; (6) ABC a Patativa do Assaré, (7) Gonzagão é gente da gente; (8) O regime de terror da ditadura militar; (9) Ditados populares; e (10) O sonho do Planeta e o desejo da humanidade.

A utilização dos cordéis como ferramenta de aprendizagem é uma marca forte da multi e interculturalidade que já foi citada no presente artigo. Assim, a utilização dessa ferramenta de aprendizado tem um papel importante. Primeiro, o reconhecimento e valorização de uma cultura nordestina, trazendo-a para o conhecimento de todos os alunos e alunas, posto que, mesmo sendo nordestinos, muitos nunca leram um cordel. Segundo, o reconhecimento de que tal cultura produz um saber válido, que pode ser aproveitado para ensinar a cultura científica e fazer refletir sobre a realidade.

Ao utilizar o cordel como ferramenta pedagógica, primeiramente, discutimos a origem do cordel (sua relação com o mundo ibérico), a importância da ferramenta pedagógica para a educação escolarizada e como campo de pesquisa, inclusive para a interpretação da história.

Diante dos temas que foram trabalhados, foi possível refletir sobre a precariedade em que se encontra a educação brasileira, buscando compreender quais as marcas que a faz manter-se dessa forma. O cordel “*Gravíssimos problemas da educação no Brasil*” permitiu um intenso debate, vivido logo após a leitura do livro “O que é educação” de Carlos Brandão.

Foi possível, também, estudar a filosofia grega e o seu papel educativo, a partir do cordel que traz uma alegoria ao mito da caverna de Platão, no livro “A República”. Para a apresentação de tal cordel, os alunos utilizaram-se de grande criatividade, caracterizando a sala, fazendo pinturas e desenhos e representando o que o texto abordava.

Os cordéis representaram, também, uma forma de abordar a vida e a obra de grandes personalidades, tanto mundiais, como Nelson Mandela e Paulo Freire, quanto nacionais, como Luiz Gonzaga, ou mesmo regionais, como é o caso de Patativa do Assaré. Ao tratar de tais personalidades, os grupos precisaram pesquisar sobre a vida deles, entender seus feitos e suas obras, além de compreender o contexto da obra em análise e a importância para o campo da educação. Assim, a utilização dos cordéis suscitou, também, o trabalho de pesquisa, de busca e de reflexão sobre o conhecimento adquirido.

Na apresentação sobre Luiz Gonzaga, o grupo utilizou-se de teatro, cantou algumas de suas músicas e as apresentou como importante ferramenta de ensino, posto que suas letras carregam as marcas da regionalidade, representando, assim, uma fonte importante para se pensar o Nordeste brasileiro. Ainda, sobre os diversos modos de se educar no sertão, estudamos um cordel que retratava a vida de Patativa do Assaré.

Ninguém, do grupo de estudantes, conhecia este poeta popular. Dessa forma, indagamos: Como é possível passar tanto tempo na escola e não conhecermos as histórias dos nossos educadores? Será que ele é visto como um educador em nosso país? Parece que não. Principalmente, por ter tido pouca escolaridade. Grillo e Lucena (2014, p. 88) salientam que:

Os folhetos de cordel, através de suas narrativas, contam acontecimento de um dado lugar e tempo, convertendo-se em memória, documento e registro da História do Brasil. Podemos perceber os folhetos de cordel como um discurso da realidade, como uma prática cultural que pode contribuir para uma série de representações de um período histórico.

Por sua vez, o grupo que trabalhou o cordel sobre a ditadura militar mostrou que este também pode ser uma fonte histórica de conhecimento. A partir do texto, as educandas utilizaram-se de vídeos, fizeram pesquisa em colégios militares, entrevistaram pessoas que foram presas pelo regime e conseguiram elaborar um bom argumento a respeito do que foi o período da ditadura militar no Brasil e suas consequências para o campo da educação. Foram momentos intensos de participação de todo o grupo.

No decorrer do trabalho, o cordel sobre “Ditados populares” e “O sonho de um Planeta” foram apresentados em forma de dramatização. O primeiro citado encarregou-se de mostrar uma marca da cultura nordestina, explicando, inicialmente, o que são ditos e ditados populares, para, depois, encenarem alguns deles. O segundo foi um importante momento de reflexão a respeito das nossas atitudes diante dos problemas do mundo, principalmente, daqueles que estão a nossa volta. No Quadro 3, sintetizamos a ordem das apresentações:

### Quadro 3: Síntese das apresentações dos cordéis temáticos

APRESENTAÇÃO DOS CORDÉIS
1 – “Gravíssimos problemas da Educação no Brasil” de Marcelo Soares
2 – “O mito da Caverna” de Medeiros Braga
3 – “Nelson Mandela” de Medeiros Braga
4 – “Escravidão Negra e o Quilombo de Palmares” de Benedite Delazair
5 – “Paulo Freire” de Medeiros Braga
6 – “ABC a Patativa” de Assaré Antônio Klévisson Viana
7 – “Gonzagão é gente da gente” de Francisco Rodrigues Cordeiro
8 – “O regime de terror da ditadura militar no Brasil” de Zé Antônio
9 – “Ditado populares” de Abdias Campos
10 – “O sonho do Planeta e o desejo da Humanidade” de João Batista Campos.

Fonte: Autores.

Assim, a utilização de cordéis em sala e aula representou um momento incrível de aprendizado pela experiência. Foi possível trazer, para o conhecimento dos educandos e educandas, elementos e personalidades da nossa cultura que estão esquecidos e marginalizados, provocando, a partir desse trabalho, uma reflexão sobre a nossa realidade e o nosso modo de encararmos o conhecimento e sobre a finalidade que damos à educação escolarizada.

Ao final da disciplina, os educandos e as educandas apresentaram um memorial e analisaram um documento como fonte histórica (dependendo do semestre), contando o percurso vivido e voltando às leituras realizadas. Avaliaram, também, o trabalho na disciplina, oferecendo algumas sugestões que ajudem os educandos do próximo semestre no processo de ensino e aprendizagem. Ao término dos trabalhos, estávamos todos e todas exaustos devido ao ritmo intenso da disciplina. Contudo, pelos depoimentos, verificamos o gosto dos estudantes pelos estudos realizados e a vontade de continuar a aprofundar tais discussões em grupos de pesquisa. Os estudantes afirmaram ainda que, na disciplina de Fundamentos Históricos da Educação e da Pedagogia, aprenderam de forma significativa e para toda a vida.

### Considerações Inconclusivas

Partimos do pressuposto de que a História da Educação oferece um suporte reflexivo emancipatório para a formação docente. Enquanto disciplina, permite problematizar os objetivos da educação, os diferentes momentos históricos e as contradições da nossa sociedade.

Também, entendemos que é possível discutir a diversidade e as diferenças por diversos caminhos e possibilidades. Na perspectiva da diversidade cultural, por exemplo, podemos analisar as semelhanças e diferenças de fazeres, do modo de ser e dos saberes produzidos por diferentes grupos e sua relação com o outro ou outros ao longo do tempo.

Estamos percorrendo os primeiros passos em busca de um trabalho que, ao mesmo tempo, seja rigoroso e ressignifique a prática docente na disciplina de História da Educação no curso de Pedagogia.

À guisa das reflexões acima descritas, é possível dizer que trabalhar o currículo na perspectiva da diversidade cultural e das diferenças e por eixos temáticos não é uma tarefa fácil, requer que o professor e a professora repensem a prática docente e invistam em diversas questões ao mesmo tempo (como exemplo, organização da disciplina, metodologias, abordagens de temáticas diversas, a questão temporal etc.).

É importante conhecer a trajetória histórica de uma disciplina, em função da possibilidade de tomada de consciência por parte do docente em relação às práticas educativas, possibilitando, assim, a avaliação crítica do fazer pedagógico.

### Referências

- ABRAMOWICZ, Anete; RODRIGUES, Tatiane C.; CRUZ, Ana C. J. da. A diferença e a diversidade na educação. *Revista Contemporânea*, Dossiê Relações Raciais e Ação Afirmativa, v. 1, n. 2, p. 85-97, 2011.
- ALMEIDA, Luiz S. et al. *Índios de Alagoas: memórias, educação*. Maceió: Edufal, 2011.
- ALVES, Rubens A. *O que é religião*. São Paulo: Brasiliense, 1990. (Coleção Primeiros Passos).

AMORIM, Roseane M. de; FREIRE, Eleta de C. A literatura como fonte de inspiração para a construção de práticas curriculares interculturais. **Revista Lugares de Educação**, v. 5, n. 10, p. 6-19, 2015.

ANTÔNIO, Zé. **O regime de terror da ditadura militar no Brasil**. Aracaju, Sergipe: Literatura de Cordel, 2004.

ARANHA, Lúcia de A. A educação no mundo antigo. In: ARANHA, Lúcia de A. **História da educação**. São Paulo: Moderna, 1996.

ARAÚJO, Cinthia. O trabalho de tradução no saber histórico escolar: diálogos interculturais possíveis. In: MOREIRA, Antônio F.; CANDAU, Vera M. **Currículos, disciplinas escolares e culturas**. Petrópolis: Vozes, 2014. p. 126-159.

BRANDÃO, Carlos R. **O que é educação**. São Paulo: Brasiliense, 1991. (Coleção Primeiros Passos).

BRAGA, Medeiros. **O mito da caverna**. Mossoró, Rio Grande do Norte: Literatura de Cordel, 2012.

\_\_\_\_\_. **Nelson Mandela**. Mossoró, Rio Grande do Norte: Literatura de Cordel, 2011.

\_\_\_\_\_. **Paulo Freire**. Mossoró, Rio Grande do Norte: Literatura de Cordel, 2011.

CAMBI, Franco. **História da pedagogia**. São Paulo: Unesp, 1999.

CAMPOS, Abdias. **Ditados populares**. Recife, Pernambuco: Literatura de Cordel, 2012.

COMENIUS, Jan A. **A escola da infância**. Tradução: Wojciech Andrzej Kulesza. São Paulo: Unesp, 2011.

CORDEIRO, Francisco R. **Gonzagão é gente da gente**. Crato, Ceará: Literatura de Cordel, 2012.

DELAZAIR, Benedite. **Escravidão negra e o Quilombo de Palmares**. Alagoas: Editora Luzeiro, Literatura de Cordel, 2009.

FALCI, Miridan K. Mulheres do sertão nordestino. In: PRIORE, Mary D. (Orgs.). **Histórias das Mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2004. p. 241-277.

FARIAS, João Batista C. **O sonho do planeta e o desejo da humanidade**. Rio Branco, Recife: Literatura de Cordel, 2012.

FREIRE, Paulo. **Educação e mudança**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000.

GOMES, Nilma L. Diversidade cultural, currículo e questão racial. In: ABRAMOWICZ, Anete; BARBOSA, Lúcia M. de A.; SILVÉRIO, Valter R. (Orgs.). **Educação como prática da diferença**. Campinas: Armazém do Ipê (Autores Associados), 2006.

GONDRA, José G.; SCHUELES, Alessandra. **Educação, poder e sociedade no império brasileiro**. São Paulo: Cortez, 2008.

GRILLO, Maria Â. de F.; LUCENA, Kalhil G. M. de. O cordel e o ensino de História: possibilidade de uso e conhecimento histórico a partir da literatura de cordel. In: SILVA, Gian C. de M.; GOMES, Gustavo M. da S. (Orgs.). **Memória, história e cordel em Alagoas: temas, práticas e experiências**. Maceió: Edufal, 2014. p. 89-112.



- MATE, Cecília H. S. Thomas. Popkewitz: um historiador desafiando as convenções. In: REGO, Teresa C. (Org.). **Currículo e política educacional**. Petrópolis: Vozes, 2011. Vol. 4, p. 53 -77. (Coleção Pedagogia Contemporânea).
- MOREIRA, Antônio F.; CANDAU, Vera M. Apresentação. In: MOREIRA, Antônio F.; CANDAU, Vera M. (Orgs.). **Currículos, disciplinas escolares e culturas**. Petrópolis: Vozes: 2014. p. 7-21.
- MATOS, Kelma S. A. L. et al. **Cultura de paz, ética e espiritualidade II**. Fortaleza: UFC, 2011.
- NUNES, Clarice. A disciplina história da educação na formação de professores: desafios contemporâneos. **História da Educação**, v. 10, n. 19, p. 173-180, 2006.
- QUADROS, Claudemir de. Ensino com pesquisa, educação digital e formação de professores: possibilidades de ensinar e aprender acerca da história da educação. In: CARVALHO, M. M. C. de; GATTI JÚNIOR, D. (Orgs.). **O ensino de história da educação**. Vitória: Edufes/SBHE, 2011. Vol. 6, p. 17-42.
- RAMOS, Graciliano. **Infância**. Rio de Janeiro: Record, 2011.
- \_\_\_\_\_. **Alexandre e outros heróis**. Rio de Janeiro: Record, 2011.
- SÁ, Nívea V. de A. A disciplina história da educação no curso de pedagogia da UNISO: uma História em três tempos. **Revista HISTEDBR On-line**, n. 21, p. 74-88, 2006.
- SAVIANI, Demerval. **História das idéias pedagógicas no Brasil**. São Paulo: Autores associados, 2007.
- SERRANO, Carlos; WADMAN, Maurício. **Memória da África: a temática africana na sala de aula**. São Paulo: Cortez, 2007.
- SOARES, Marcelo. **Gravíssimos problemas da educação no Brasil**. Timbaúba, Pernambuco: Literatura de Cordel, 2001.
- STOER, Stephen; CORTESÃO, Luiza. **Levantando a pedra: da pedagogia inter/multicultural às políticas educativas numa época de transnacionalização**. Porto: Ed. Afrontamento, 1999.
- UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS. Centro de Educação. **Projeto Político-Pedagógico do Curso de Pedagogia**. Maceió, 2006.
- VIANA, Antônio K. **ABC de Patativa do Assaré**. Crato, Ceará: Literatura de Cordel, 2012.
- VIDAL, Diana G.; FARIA FILHO, Luciano M. de. **As lentes da história: estudos de história e historiografia da educação no Brasil**. Campinas: Autores Associados, 2005.
- ZEQUERA, Luz H. T. **História da educação em debate: as tendências teórico-metodológicas na América Latina**. Campinas: Alínea, 2002.